

**ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
NA PERSPECTIVA DA ORALIDADE:
A ACEITAÇÃO DO “INTERNETÊS”
COMO ALIADO DO PROFESSOR
NA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA**

Maria Goretti de Araújo Boudens (UFU)
mgorettiboudens@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa promover uma reflexão a respeito do uso do “internetês” como ferramenta para se trabalhar a oralidade nas aulas de língua portuguesa. No ambiente escolar, faz-se necessário reconsiderar uma visão crítica em relação ao ensino-aprendizagem da língua portuguesa, reformulando estratégias para lidar com essa realidade, a fim de ampliar as concepções linguísticas de professores e de alunos, combatendo o preconceito linguístico. A abordagem desse tema está fundamentada em pressupostos teóricos de autores tais como Luiz Antônio Marcuschí (2001), Magda Soares (2002), Josué Geraldo Botura do Carmo (2003), Michele Mitsuy Tangi e Teresinha Preis Garcia (2007), Sirio Possenti (2010), Antonio Carlos dos Santos Xavier (2014), Maria Flor de Maio Barbosa Benfica (2014), Marise Adriana Mamede Galvão e Josilete Alves Moreira de Azevedo (2015). Entende-se que compete à escola apresentar as regulamentações do uso da língua portuguesa, mas também reconhecer outras formas praticadas pelos falantes nas situações do cotidiano, nos contextos sociais do seu convívio, de maneira que não se crie um distanciamento entre o real e o ideal, já que a língua se ajusta às mudanças decorridas na sociedade e passa por transformações. Diante dessa constatação, questiona-se se o professor pode permanecer indiferente às exigências de estudantes que são “nativos digitais” (XAVIER, 2014, p. 168). Por isso, propõe-se uma sequência de atividades para o professor trabalhar a oralidade com o “internetês”, apresentado por Antonio Carlos dos Santos Xavier (2014) como um dialeto escrito com efeito oral. Espera-se, com a discussão dessa problemática, sugerir um norteamento para se enfrentarem problemas na abordagem da linguagem virtual dentro da sala de aula, o que pode contribuir para o entendimento das relações entre as modalidades oral e escrita.

Palavras-chave: Ensino. Língua portuguesa.
Modalidade oral. Modalidade escrita. Internetês.

1. Considerações iniciais

Desde que começa a se apropriar da linguagem e a desenvolvê-la, a criança tem acesso aos recursos da língua no que concerne à organização das ideias e ao conjunto de palavras e de expressões recorrentes no seu primeiro contexto social: a família. Posteriormente, interage no ambiente da sua comunidade (vizinhança, círculo de amizade, igreja). Ao

ingressar na escola, tem início o processo de alfabetização, que normalmente parte da modalidade escrita da língua.

No currículo escolar obrigatório, além de outras disciplinas a serem estudadas, há aulas de língua portuguesa. Ela conhece, então, a existência da gramática normativa, a qual preconiza o uso do idioma de forma mais rígida e diversa do uso diário que se faz dele.

Muitas vezes, inclusive, os exemplos utilizados para ilustrar regras desse tipo de gramática são textos (ou parte deles) de escritores consagrados da literatura nacional, os quais nem sempre são conhecidos por muitos estudantes brasileiros. A partir daí, torna-se frequente ouvir esses mesmos alunos dizerem que não sabem português, ou que português é muito difícil.

Em virtude dos avanços tecnológicos, da inserção de uma coletividade constituída em grande parte pelos “nativos digitais” (XAVIER, 2014, p. 168), a linguagem corrente é o português usado nesse mundo virtual. É a linguagem também utilizada por aqueles aderiram às tais práticas e por aqueles que estão em processo de letramento digital²⁸⁷. Portanto, fez-se necessário que a linguagem empregada para esse tipo de comunicação apresentasse estruturas próprias, caracterizando uma diamesia²⁸⁸, uma vez que os fenômenos tecnológicos, linguísticos, culturais e sociais são bastante efêmeros.

E essa linguagem, em virtude de apresentar estruturas diferentes da língua portuguesa na variedade culta, ainda divide opiniões no cenário educacional: alguns professores defendem que ela atrapalha e que prejudica a escrita dos alunos, enquanto outros julgam pertinente reconhecer o valor linguístico dela. De fato, não se pode negar o uso dessa linguagem e muito menos fingir que ela não existe. Apenas tecer críticas negativas ao “internetês” não vai fazê-lo deixar de ser utilizado. Ao contrário, o adolescente e o jovem, no meio virtual, escrevem muito, frequentemente.

²⁸⁷ Letramento digital é “a capacidade que tem o indivíduo de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital [...] envolve também habilidades para construir sentidos a partir de textos multimodais, [pois] mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície [...] inclui a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletronicamente”. (CARMO, 2003, s/p)

²⁸⁸ Segundo Berruto (1993, p. 8), a diamesia é “a esfera da variação linguística no que se refere ao meio físico-ambiental e canal através do qual a língua[gem] é usada.

Se, por um lado, as características desse sistema organizado de troca de informações levam ao errôneo entendimento de que se trata de uma linguagem sem normatização, desorganizada, por outro, pode-se observar que, por meio dele, o contato, a conversação, a troca de informações proporciona mais interação com grande eficiência comunicativa, conforme atesta Antonio Carlos dos Santos Xavier (2014).

Para Magda Soares (2002), as telas (de diferentes aparelhos) que permitem o acesso aos ambientes digitais são “um novo suporte para a leitura e escrita; um novo espaço de escrita” que “trazem mudanças significativas nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo entre o ser humano e o conhecimento”. (SOARES, 2002, s/p)

Encontra-se, em Antonio Carlos dos Santos Xavier (2014), o posicionamento de que o “internetês” é um “dialeto escrito com efeito oral” (XAVIER, 2014, p. 170), uma vez que, na escrita, são reproduzidos elementos típicos e recorrentes da oralidade. E, dessa forma, apresenta elementos próprios de qualquer outro idioma: fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. O autor observa que “[...] esse gênero simula uma conversa espontânea, face a face, mas diferenças e as limitações desse gênero digital em relação à conversa oral real são notáveis”. (XAVIER, 2014, p. 170)

Acredita-se ser mais plausível considerá-la uma “linguagem”, porque não fere princípios dialetológicos, mas também não a reduz à mera utilização de recursos informativos. Na visão da autora deste artigo, o “internetês” é uma expressão linguística organizada com base em princípios semióticos²⁸⁹ (signos linguísticos, símbolos, sinais, imagens e suas significações).

Por essa linguagem possuir uma estrutura organizada, defende-se que o uso do “internetês” pode ser adotado como uma das estratégias para se discutir a utilização da modalidade oral e da modalidade escrita da língua portuguesa nas aulas, de forma prática. Essa sugestão está pautada, principalmente, nas recomendações contidas nos *Parâmetros Curri-*

²⁸⁹ Semiótica é a “esfera do conhecimento que revela as formas como o indivíduo dá significado a tudo que o cerca. É a ciência que estuda os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais como se fossem fenômenos produtores de significado (a semiose)”. [...] “ela lida com os conceitos, as ideias, estuda como estes mecanismos de significação se processam natural e culturalmente. [...] não reduz suas pesquisas ao campo verbal, expandindo-o para qualquer sistema de signos - Artes visuais, Música, Fotografia, Cinema, Moda, Gestos, Religião, entre outros” (SANTANA, 2010, s/p).

culares Nacionais, para que seja levado em consideração o uso atual da língua e suas variações na sala de aula. Compete ao professor mostrar ao estudante as variações da língua portuguesa, bem como a importância de saber utilizá-las, de maneira adequada, nas diferentes situações e nos diversos contextos de uso.

Dessa forma, pretende-se, com as ideias apresentadas neste artigo, promover uma reflexão a respeito do uso do “internetês” como ferramenta para se trabalhar a oralidade nas aulas de língua portuguesa, discutir o enfoque centrado na valorização da modalidade escrita da língua em detrimento da oral e, por fim, sugerir um norteamento para se enfrentarem problemas na abordagem da linguagem virtual dentro da sala de aula.

2. *Questões teóricas: a validação da modalidade oral nas aulas de língua portuguesa*

Ao tomar como inspiração o pensamento de Luiz Antônio Marcuschi (2010), vale lembrar que, para estabelecer contato com o seu semelhante, o integrante de uma comunidade social dispõe da linguagem oral, mas que nem sempre está representada por meio da escrita. A escrita é uma invenção surgida da vontade de um povo deixar registrada sua história, da necessidade de estabelecer relações comerciais com outros povos, fruto das relações de poder. Ela também é suporte para a memória, constitui registros e constrói um vínculo arbitrário entre a fala e a escrita, entre o som e a grafia, ou seja, uma espécie de tratado. Toda escrita é uma convenção. (BEILKE, 2016)

Roxane Rojo (2006, p. 17) explica que as pessoas não escrevem da mesma forma como falam, porque “[...] a escrita é um processo de representação e não de transcrição [...]”. Além disso, essa autora lembra que não é válida a afirmação de que a fala e a escrita são desorganizadas, porque ambas obedecem a um formato apropriado ao gênero textual e ao contexto.

Conforme Luiz Antônio Marcuschi (2001, p. 36), “[...] o homem é um ser que fala e não um ser que escreve”. Entretanto, não há como se alegar que existe uma superioridade da oralidade em relação à escrita e nem que a segunda derivou da primeira. Não se pode restringir a definição da escrita a uma mera reprodução da fala, já que nem sempre é possível simular traços específicos da fala, tais como a prosódia, a entonação, por meio de sinais gráficos. Faz-se necessário considerar que há uma

distância entre a fala e a escrita, pois, conforme Silva Veloso Beike Beilke (2016), a grafia não consegue apreender toda a complexidade da fala.

Considerando-se os traços distintivos de cada uma, as duas modalidades de uso da língua não são adversas entre si. Nos dois casos, tem-se a possibilidade de construir mensagens bem estruturadas, elaboradas de forma coerente e coesa, a fim de que se consiga conquistar o objetivo primordial de se estabelecer o contato eficiente com o outro.

A fala se desenvolve socialmente a partir da capacidade que os seres humanos têm para a cognição da linguagem, a qual é usada para promover a reflexão, para a expressão das emoções, para a interação e para a manutenção das relações sociais. Ela é fruto de um processo interativo, resultante das relações estabelecidas em determinado ambiente. Para Michael Alexander Kirkwood Halliday e Christian Matthias Ingemar Martin Matthiessen (2014, p. 7), a linguagem se desenvolve como fala na vida humana.

Segundo Roxane Rojo (2006, p. 17), a escrita pode ser definida, de maneira geral, “[...] como a representação visual da linguagem por um sistema de signos gráficos adotados convencionalmente por uma comunidade”. No processo de aprendizagem da escrita, o indivíduo necessita conhecer o sistema de regras que a norteia, o que acontece gradativamente, em geral, em um contexto mais formal – a escola. Como destacou Emília Ferreiro (1986), “[...] a escrita elege alguns sinais gráficos para representar alguns aspectos (sons, pausas, entonações da fala), mas não outros”. (FERREIRO, *apud* ROJO, 2006, p. 17)

Com a utilização constante dos meios eletrônicos de comunicação, observa-se que se tem valorizado mais a escrita “[...] em favor da significação que pode emergir do texto escrito ele próprio, como discurso que se põe em relação com outros discursos de outros autores”, de acordo com Roxane Rojo (2006). Por conseguinte, ocorreu uma fundição entre a fala e a escrita, o que refletiu no processo de apropriação de uma e de outra modalidade pelo aprendiz. Principalmente para a geração atual, os textos se apresentam com uma configuração diferente. A esse respeito, Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004) dizem que

Não existe “o oral”, mas “os orais” sob múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender [...] como também podem estar mais distanciados [...]. Não existe uma essência mítica do oral que permitiria funda sua didática, mas práticas de linguagem muito diferenciadas, que se dão, prioritariamente, pelo uso da palavra (falada), mas também por meio da

escrita, e são essas práticas que podem se tornar objeto de um trabalho escolar. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 135)

A fala e escrita estão presentes nas práticas sociais dos indivíduos nos vários contextos que ele integra, uma vez que os objetivos que norteiam a escolha de uma ou de outra modalidade variam. Portanto, variam também as formas de representação dos enunciados, levando-se em conta, inclusive, o veículo de comunicação em que circularão.

2.1. O internetês

Acredita-se que o “internetês” seja resultante do desenvolvimento de um código de comunicação e de uma forma de registro usado de maneira ativa e frequente. Ou seja, trata-se de uma nova linguagem em que se recorre ao emprego de símbolos, de representações gráficas, de neologismos. Esses elementos facilitam a transmissão de mensagens, a troca de informações. Ele é utilizado para as conversas em ambientes virtuais, sem que haja o contato físico, pessoal. Assim, torna-se possível estabelecer comunicação com várias pessoas ao mesmo tempo e participar de um número maior de interações.

Nesse tipo de conversa, os falantes procuram recursos gráficos com a intenção de que possam reproduzir a fala, deixando o texto escrito o mais próximo possível da conversa oral. Dessa forma, os elementos linguísticos presentes no texto revelam muito a respeito dos interlocutores: o grau de familiaridade entre eles, a faixa etária, o ambiente social do qual fazem parte. É claro que, para que haja integração e interação, os códigos utilizados devem ser de conhecimento de ambos os participantes.

Antonio Carlos dos Santos Xavier (2014, p. 170) afirma que “A presença de *emoticons* e de *winks* anexados ao texto verbal confirma que estamos diante de dum ‘dialecto escrito’ da língua portuguesa”. Nesse aspecto, há que se discordar desse autor, porque essa linguagem não surgiu de um contexto natural de interação social direta, mas do desenvolvimento de uma diamesia, com base em outras linguagens e línguas pré-existentes. O “internetês” não tem sintaxe própria e nem se distancia muito da normatização prescritiva da língua, mas se baseia na língua natural utilizada pelos internautas. É a partir dela que são criados os símbolos e os elementos inovadores adaptados para o meio virtual, criados ou adaptados de palavras e de expressões já existentes.

Na verdade, essa linguagem recorrente no ambiente digital possui elementos próprios, que se incorporam à estrutura de um idioma, com adaptações gráficas, morfológicas, semânticas. Essas mudanças são promovidas de modo acelerado pelo avanço tecnológico. A teoria defendida pela autora deste artigo encontra respaldo na fala do linguista Sírio Pos senti (2010), quando ele define o “internetês”: “Trata-se da grafia utilizada por certos usuários dos computadores, em geral, jovens adolescentes que passam horas teclando, isto é, trocando mensagens por escrito. Em resumo, trata-se apenas de grafia, nada mais de grafia” (POSSENTI, 2010, p. 60). Ele acrescenta que “[...] não passa de uma variação de grafia, estando longe de ser uma nova língua”. (POSSENTI, 2010, p. 60)

Reconhece-se que é uma linguagem específica, não podendo ser apenas considerada como reprodução gráfica da fala. O “internetês” apresenta peculiaridades do contexto de uso, porém, não chega a constituir um dialeto ou uma nova língua, haja vista que as simbologias empregadas na rede mundial ultrapassam o âmbito de uma língua só: os *emo-ticons*, por exemplo, são empregados por falantes de inglês, do português, do alemão.

Pode-se constatar que ela é uma variação da(s) língua(s), visto que seu uso está diretamente ligado a fatores que promovem o surgimento de maneiras diferentes de se manifestar. Considerando-se esse aspecto, os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, encontra-se a seguinte explicação:

A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades – aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente ele é capaz de perceber que formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriadas para certas circunstâncias, mas não para outras. (BRASIL, 1998)

Quanto às características dessa linguagem, busca-se respaldo na descrição apresentada por Antonio Carlos dos Santos Xavier (2014), quando ele alega que o “internetês” é “a representação gráfica mais próxima e fluente da forma natural de conversar”. Concorde-se com o autor quando ele alega que há uma proximidade entre essa linguagem e a fala; entretanto, não se pode afirmar taxativamente que um seja uma forma de representação da outra.

No intuito de estabelecer os parâmetros linguísticos que caracterizam o “internetês”, Antonio Carlos dos Santos Xavier (2014) apresenta alguns aspectos recorrentes nessa linguagem. Em relação à fonologia, o autor destaca o alongamento de algumas vogais com a intenção de enfa-

tizar o sentido de determinadas palavras ou para revelar a emoção do falante; a omissão da consoante “r” no final de palavras; a substituição de vogais finais com o intuito de reproduzir a sonoridade de maneira mais próxima da realidade. No que concerne à morfologia, ele destaca alterações na grafia de certas palavras, seja na redução delas, seja com a supressão de vogais e de consoantes, seja na modificação da escrita oficial das letras. Segundo ele, esses recursos são utilizados com a intenção de reproduzir a sonoridade das palavras. Já a respeito da semântica, há uma constante mudança na classe gramatical de palavras.

Na construção de uma mensagem utilizada nesse contexto, não se recorre à voz nem aos gestos corporais, mas ao teclado. Desse modo, a escrita passa por um processo de reconfiguração da grafia das palavras e da ressignificação de alguns sinais diacríticos. Para tanto, o usuário dispõe de recursos, que lhe permitem transmitir a informação desejada: *emojis*, *emoticons*, *winks*, acrônimos, abreviações.

Os *emojis*²⁹⁰ têm sua origem no Japão, na década de 90, e foram criados por Shigetaka Kurita. São símbolos predeterminados, que compõem uma biblioteca de figuras prontas.

Os *emoticons*²⁹¹ são símbolos utilizados para representar emoções, sob a forma de caracteres tipográficos. Foi criado em 1982, por Scott Fahlman, professor assistente de pesquisa de ciência da computação da Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos.

Por *winks*²⁹², compreendem-se os desenhos com animação que substituem palavras e até frases inteiras, os quais são inseridos em conversas feitas sob a forma de mensagens instantâneas.

Os acrônimos são palavras que se constroem pela junção das primeiras letras ou das sílabas iniciais de um grupo de palavras, de uma expressão. Eles se distinguem das siglas, por permitirem a pronúncia como uma palavra.

²⁹⁰ Informações obtidas nos sites: “tecmundo” e “significados”. “A palavra *emoji* foi construída com a junção das expressões japonesas “e” (imagem) e “moji” (personagem), significando, em português “pictograma”. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/emoji/>> e <<http://www.tecmundo.com.br>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

²⁹¹ Informação obtida em “tecmundo”. “A palavra *emoticon* foi criada a partir das palavras inglesas “emotion” (emoção) e “icon” (icone). Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

²⁹² Do inglês piscadas, porque trata-se de imagens em movimento e de curta duração.

Quanto às abreviações, elas devem ser entendidas como reduções, conforme a ABL – Academia Brasileira de Letras²⁹³ –, quando são mais ou menos estáveis e comuns e abreviaturas quando são mais ou menos episódicas. A partir do Século XIX, as abreviações passaram a se referir às reduções feitas especificamente para uso em certas obras especializadas.

2.2. A abordagem da oralidade em sala de aula: questões fundamentais

Segundo Michele Mitsuy Tangi e Teresinha Preis Garcia (2007), o tema da oralidade no ensino desperta controvérsias, pois essa modalidade da língua já fora “ora rejeitada como sendo ‘popular e vulgar’ e não merecedora de estudos, ora vista como a ‘expressão natural da linguagem’ e, portanto, merecedora de estudos aprofundados para a compreensão da linguagem humana” (TANGI & GARCIA, 2007, p. 1856). Assim, acredita-se que atualmente a oralidade tem recebido enfoque por diversas pesquisas, com abordagens aprofundadas acerca da sua importância para a compreensão dos fenômenos linguísticos e para o ensino de línguas.

A respeito do trabalho com a oralidade nas aulas de língua portuguesa, Marise Adriana Mamede Galvão e Josilete Alves Moreira de Azevedo (2015) destacam

[...] a necessidade de os indivíduos desenvolverem competências linguístico-discursivas por meio de diferentes gêneros de textos nas interações da vida cotidiana, tanto nas mais espontâneas quanto nas mais ritualizadas. [...] No trabalho com a oralidade, os professores precisam privilegiar os aspectos linguísticos, extralinguísticos, paralinguísticos e cinésicos, propiciando aos alunos vivências em atividades pedagógicas que lhe sirvam de subsídios nas práticas sociais da vida cotidiana. (GALVÃO & AZEVEDO, 2015, p. 249-252).

Para as autoras, as atividades possíveis com a oralidade sob a forma de debates, de seminários, de relatos, de entrevistas, de aula expositiva dialogada, de jornal falado, de contação de histórias, sem a sistematização e planejamento não constituem uma “ação didática satisfatória para a realização de atividades com o texto oral”. Elas afirmam que é preciso “entender que as práticas da oralidade devem ser encaminhadas mediante um trabalho intencionalmente organizado, no sentido de enfatizar

²⁹³ Adaptado a partir da fonte disponível em: <www.academia.org.br/nossa-lingua/reducoes>. Acesso em: 05-06-2017.

zar aspectos dos gêneros orais na sua relação com a escrita”. (GALVÃO & AZEVEDO, 2015, p. 264)

As pesquisadoras concluem que se faz fundamental a preparação das atividades, delineando cada etapa do processo, para que o trabalho com a oralidade na sala de aula seja eficiente.

3. Atividades sugeridas

A fim de que se possam utilizar os códigos da comunicação virtual em sala de aula, são propostas atividades de leitura e de produção de texto. Não se pretende apresentar soluções para essa questão do uso do “internetês” nas aulas de língua portuguesa, mas de se mostrarem caminhos possíveis de utilização dessa linguagem como um diferencial efetivo na prática pedagógica.

É preciso que fique claro para o estudante quando a linguagem virtual deve ser usada e quando se torna mais apropriado o emprego da língua na variante culta. Ele deve se tornar apto a fazer as escolhas linguísticas adequadas às situações comunicativas de uso. Assim ele conhecerá, na escola, que existe mais de uma possibilidade de emprego da língua e que isso não confere o status de certo ou de errado a nenhuma das duas, mas que ambas estão coerentes, cada qual segundo o contexto de interação.

Ressalta-se que essas atividades não foram aplicadas pela autora deste artigo, uma vez que a ideia de se elaborarem esses exercícios surgiu nas aulas de “Práticas de oralidade”, no curso do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Elas foram concebidas para serem realizadas por alunos do nono ano do ensino fundamental II, com a previsão de dez horas aula para a realização dos exercícios. Elas estão estruturadas com base na discussão teórica que se fez neste artigo, a fim de que o professor reconheça que o “internetês” pode ser um aliado em sua prática pedagógica.

3.1. Sequência de atividades

3.1.1. Leitura do texto

```
GeNti !!! AlgUmAx PeXoAxX TeM MiH AdD
MaIx QdU VoU AxeltAh NaUm CoNxlgUh !!!
ApArEcl Qui EIAX TeM AmlgUx DiMaIx!!!
EnTaUm MiH DiXcUIPeM Xi miH Add I Eo
nAuM XoU XuA MiGuXa..NaUm Eh CuLp@
MinHA! Ok? BjxUx!!!!
```

Disponível em: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 11-02-2017.

- Estabeleça uma hipótese para a proposição e fundamente o ponto de vista: quem deve ser o autor da mensagem? Considere fatores tais como o gênero, a faixa etária.
 - Qual o assunto abordado pelo autor da mensagem?
 - Houve dificuldade para compreender a mensagem? Se a resposta for afirmativa, explique-a.
 - Quais as características da linguagem virtual mais lhe chamaram a atenção?
 - Que semelhanças existem com a modalidade escrita da língua culta?
- 2) Observação de alguns símbolos (*emojis* e *emoticons*) bem como a lista de acrônimos e a de abreviações que são utilizadas na comunicação virtual.



Figura 1: Emojis.

Disponível em: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 11-02-2017.

:) / =] / =)	felicidade, sorriso
:(/ =(/ :/	tristeza, decepção
:D / =D / xD	sorriso
8)	óculos ou óculos escuros
:)	piscadela
:* / =*	beijo
:x / =X	boca fechada (segredo) ou insatisfeito
:o / =O	cara de surpreso
:~(/ T.T / Y.Y / ='(/ :'(lágrimas
sz / S2 / <3	coração

Fig. 2: Emoticons. Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: 11-02-2017.

Acrônimo	Significado
VDD	verdade
CTZ	com certeza
LOL (<i>laughing out loud</i>)	rindo muito
ROTTL (<i>rolling on the floor laughing</i>)	rolando de rir no chão
OMG (<i>Oh, my God!</i>)	Oh, meu Deus!
GFTO (<i>get the fuck now</i>)	vá embora
AMG	amigo
GLR	galera
BRINKS	brincadeira
FIKDIK	fica a dica
-N	não
ORLY (<i>Oh, really?</i>)	Sério?
MSM	mesmo
CMG	comigo

Fig. 3: acrônimos. Disponível em: <<https://www.dicasparacomputador.com/lista-de-acronimos-abreviaco-es-usadas-na-internet-e-t>>. Acesso em: 11-02-2017.

vc, vs	você
xau	tchau
kbça	cabeça
ñ, naum	não
jg	jogo
hj, oj	hoje
blz, bls	beleza
aki, aqi	aquí
ksa	casa
q	que
eh	é
axo	acho
kkk, shuashuahs	risadas
uas, rrsrrsrs,	
aosksaoks	

Fig. 4: abreviações.

Disponível em: <<https://www.google.com.br/search>>. Acesso em: 11-02-2017.

a) Os alunos deverão se reunir com seus colegas e formar grupos de, no máximo, quatro alunos. Empregando os sinais diacríticos próprios do internetês, na modalidade escrita, eles deverão elaborar um diálogo entre duas ou mais personagens. A sequência de falas precisa apresentar coerência entre as ideias e coesão entre as partes constituintes do texto.

b) Depois que o texto estiver pronto, um grupo deverá trocá-lo como o de outro grupo (conforme as orientações do professor). De posse desse novo texto, o grupo deverá efetuar a decodificação dos elementos constitutivos do texto, identificando, juntamente com os colegas, as frases ditas pelas

personagens da história. Observar se houve a compreensão da mensagem.

c) Após a fase da decodificação do texto produzido pelos colegas, deverá ser feita a leitura em voz alta, pelos componentes do seu grupo (seguindo as orientações do professor), utilizando os elementos prosódicos necessários ao contexto, a polidez nos momentos adequados, a entonação.

d) Concluída essa etapa, feita a avaliação da atividade pelo professor e pelos alunos, cada grupo receberá de volta o texto que ele produziu. A próxima etapa constituirá na retextualização da história criada pelos integrantes de cada equipe.

4. Considerações finais

A sala de aula representa um espaço bastante apropriado para se desenvolver um trabalho focado na oralidade, considerando-se a relevância da linguagem da internet nos dias atuais.

Nas aulas de língua portuguesa, o discente deve ser levado a entender que não existe uma maneira única de se utilizar a língua, mas que existem variações nos usos e que elas dependem da situação comunicativa em que os falantes se encontram. O professor não pode deixar de reconhecer a influência da internet na vida cotidiana dos alunos. Ao contrário, ela pode se constituir uma importante ferramenta para se promover a conscientização da necessidade da adequação linguística aos contextos interacionais.

Para isso, faz-se importante mostrar as características dessa linguagem conhecida como internetês, tais como os elementos textuais, os símbolos gráficos, as abreviações. Dessa forma, a escola não se mostra alienada à realidade social do momento e não se torna excludente, pois passará a considerar as variações da língua, destacando que todas elas são válidas e legítimas. É importante que o aluno saiba que há uma gama de possibilidades de construções linguísticas, inúmeras possibilidades de combinações, todas elas a seu dispor, desde que elas estejam adequadas à situação comunicativa, considerando-se todos os envolvidos no processo de interação.

Não se deve entender essa linguagem do ambiente virtual como uma inimiga, que faz com que o aluno cometa “erros” de grafia. Ela, a priori, não constitui uma ameaça à escrita do estudante. Se o internetês

for entendido como a reprodução de uma mesma mensagem, só que escrita de outra maneira, será possível criar oportunidades de retextualização, uma vez que a conversão do texto codificado em internetês exigirá desse estudante uma série de procedimentos, tais como a compreensão das ideias, o emprego dos sinais de pontuação, a estruturação sintática das sentenças. Para o aprendiz, será um verdadeiro desafio fazer essa transposição, porque ele precisará identificar os elementos extratextuais implícitos.

Assim, tanto o professor quanto o aluno estarão praticando, de maneira efetiva, o combate ao preconceito linguístico, já que se promoverá o entendimento de que a língua portuguesa é heterogênea e que os usos que se fazem dela são ilimitados, que a língua é dinâmica, varia e muda em todas as diamesias em que esteja ativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEILKE, Silva Veloso Beike. Ciência da fala e arbitrariedade perceptiva dos sons. In: NOVODVORSKI, Ariel; ROSA, Gisele da Cruz; CHAGAS, Lucas Araujo. (Orgs.). *Ensaio em teorias linguísticas*. Uberlândia: EDUFU, 2016, p. 188-198. Disponível em:

<http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ensaios_em_teorias_linguisticas_1.pdf>.

BENFICA, Maria Flor de Maio Barbosa. Retextualização. In: *Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação (FaE), Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), 2014. Disponível em:

<<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/retextualizacao>>.

BERRUTO, Gaetano. Le varietà del repertorio. In: SOBRERO, Alberto A. (Ed.). *Introduzione all'italiano contemporaneo: La variazione e gli usi*. Roma: Laterza, 1993, p. 3-36.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARMO, Josué Geraldo Botura do. O letramento digital e a inclusão social. *Educação & Literatura*, 2003. Disponível em:

<<http://www.educacaoliteratura.com.br/index%2092.htm>>. Acesso em: 05-06-2017.

EDUQUETEC. *O que é letramento digital?* 2012. Disponível em: <<https://eduquetec.wordpress.com/2012/07/19/o-que-e-letramento-digital>>. Acesso em: 05-06-2017.

GALVÃO, Marise Adriana Mamede; AZEVEDO, Josilete Alves Moreira de. A oralidade em sala de aula de língua portuguesa: o que dizem os professores do ensino básico. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, vol. 17, n. 1, p. 249-272, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i1p249-272>>. Acesso em: 05-06-2017.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Edgard Arnold, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

POSSENTI, Sirio. *Língua na mídia*. São Paulo: Parábola, 2010.

ROJO, Roxane. *As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas – caderno do professor/ Roxane Rojo*. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

SANTANA, Ana Lúcia. Semiótica. *Filosofia Infoescola*, 2010. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/semiotica>>. Acesso em: 05-06-2017.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 5-17, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 05-06-2017.

TANGI, Michele Mitsuy; GARCIA, Teresinha Preis. As diferentes abordagens da oralidade em sala de aula de língua estrangeira. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 1850-1857.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. A (in)sustentável leveza do internetês. Como lidar com essa realidade virtual na escola? In: ELIAS, Van-da Maria. (Org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade e escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 167-179.